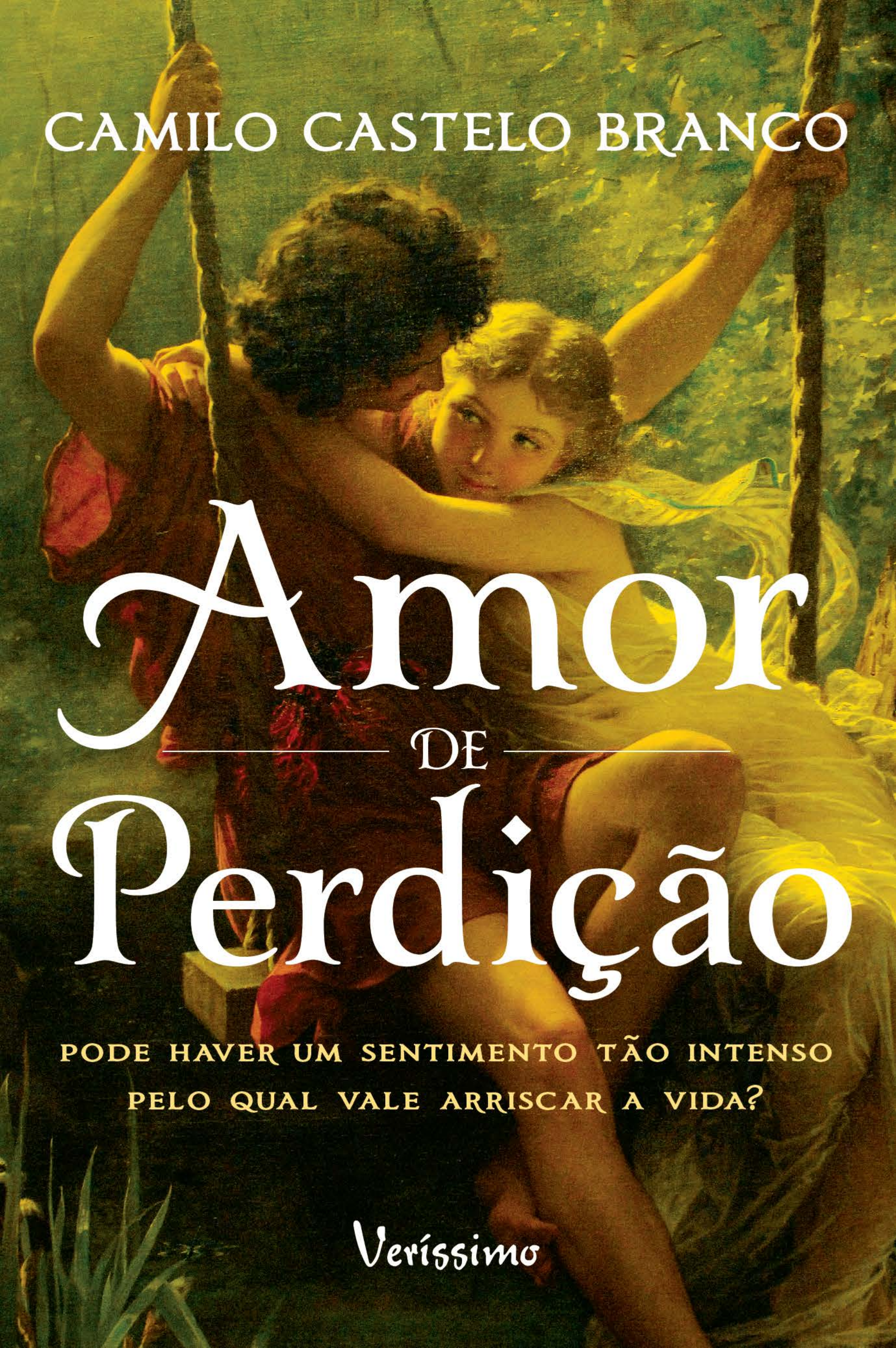




CAMILO CASTELO BRANCO

Amor DE Perdição

PODE HAVER UM SENTIMENTO TÃO INTENSO
PELO QUAL VALE ARRISCAR A VIDA?

Veríssimo

CAMILO CASTELO BRANCO

Amor de Perdição

**Pode haver um sentimento tão intenso pelo
qual vale arriscar a vida?**

VERSÃO PARA O PORTUGUÊS MODERNO:
PEDRO ALMEIDA

Veríssimo

“Este romance foi escrito num dos cubículos-cárceres da Relação do Porto, a uma luz coada por ferros, e abafada pelas sombras das abóbadas.

“... Desde menino ouvi contar a triste história de meu tio paterno, Simão António Botelho. Minha tia, irmã dele, solicitada por minha curiosidade, estava sempre pronta a repetir a história (...). Lembrou-me naturalmente na cadeia muitas vezes meu tio, que ali deveria estar inscrito no livro das entradas no cárcere e das saídas para o degredo. Folheei os livros desde os anos de 1800, e achei a notícia com pouca fadiga e alvoroços de contentamento, como se em minha alçada estivesse adornar-lhe a memória como recompensa das suas trágicas e afrontosas dores em vida tão breve.”

“Escrevi o romance em quinze dias, os mais atormentados de minha vida. Tenho a memória tão horrorizada desses dias que nunca mais abrirei o *Amor de Perdição*, nem lhe passarei a lima sobre os defeitos no futuro. Não sei se lá digo que meu tio Simão chorava, e menos sei se o leitor chorou com ele. De mim lhe juro que...

“Nos quinze atormentados dias em que o escrevi, faleceu-me o vagar e a contensão que requer o aplainar e aperfeiçoar dos períodos. O que eu queria era afogar as horas e talvez a necessidade de usar o meu tempo, as minhas meditações silenciosas, e o direito de me espreguiçar como toda a gente, e o prazer ainda de ser tão lustroso na linguagem, quanto em diversas circunstâncias poderia ser.”

TEXTOS EXTRAÍDOS DOS PREFÁCIOS DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES (1961–1964).



Simão Botelho, o protagonista, esteve, realmente, na cadeia do Porto e de lá seguiu para o degredo na Índia, e é certo ter sido Simão Botelho tio paterno de Camilo Castelo Branco.

Passados muitos anos do lançamento e perto do fim da vida, Camilo contestava um amigo indicando a supremacia deste romance sobre seus outros. O motivo era que o drama de amor que o tinha identificado com Simão Botelho estava diluído, frio, quase morto. Mas no momento de escrevê-lo, pelo contrário, Camilo tê-lo-ia julgado a sua melhor obra sentimental, porque fora a mais sincera, intensa e a mais pessoal.

Publicado, o livro foi como centelha que incendiava todos os corações, penetrando até naqueles austeros domicílios onde o nome do autor antes era pronunciado com certa repulsa. Muitas lágrimas banharam essas páginas. Chorou-se, sonhou-se sobre o *Amor de Perdição*, como sobre um poema de infinda amargura, que não tinha rival nas letras portuguesas.

NOTAS SOBRE AMOR DE PERDIÇÃO

ALBERTO PIMENTEL (1915), SOBRINHO DE CAMILO

Introdução

Folheando os livros de antigos registros no cartório das cadeias do Porto, em Portugal, li, na seção das entradas dos presos de 1803 a 1805, na página 232, o seguinte:

Simão António Botelho, que assim disse chamar-se, solteiro e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e residente na ocasião da sua prisão na cidade de Viseu, idade de dezoito anos, filho de Domingos José Correia Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castelo Branco; estatura ordinária, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba pretos, vestido com jaqueta azul, colete com relevo e calça de pano.

À margem esquerda desse registro, estava escrito:

Foi enviado para a Índia a 17 de março de 1807.

Deveria mesmo se sensibilizar o leitor por achar que o exílio compulsório de um rapaz de dezoito anos havia de ser demasiado duro.

Dezoito anos! O amanhecer dourado e escarlate da manhã da vida! As gentilezas do coração que ainda não sonha em frutos, mas já se perde em devaneios no perfume das flores!

Dezoito anos! O amor daquela idade! A passagem do seio da família, dos braços da mãe, dos beijos das irmãs, para as carícias mais doces da virgem, que se lhe abre de igual modo como flor da mesma estação e dos mesmos aromas, e à mesma hora da vida!

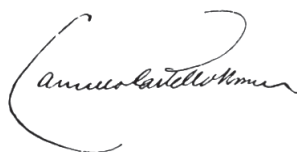
Dezoito anos! E exilado da pátria, do amor e da família! Condenado a nunca mais ver o céu de Portugal, nem a mãe, nem a reabilitação, nem a dignidade, nem um amigo! É triste!

O leitor decerto se entristecia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria!

“Amou, perdeu-se e morreu amando.”

É a história. E uma história assim conseguirá porventura ouvi-la de olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade que por vezes traz consigo do Céu um reflexo da divina misericórdia? Essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se eu lhe dissesse que o pobre rapaz perdeu a honra, a reabilitação, a pátria, a liberdade, as irmãs, a mãe, a vida, tudo... por amor à primeira mulher que o despertou do seu sonho de inocentes desejos?

Chorava, chorava! Queria eu saber dizer o doloroso sobressalto que me causaram aquelas linhas, procuradas de propósito, e lidas com a amargura e o respeito e, ao mesmo tempo, o ódio. Ódio, sim... A seu tempo verão se é perdoável o ódio, ou não seria melhor abrir mão desde já de uma história que pode provocar náusea aos frios julgadores do coração pelas sentenças que eu aqui disser contra a falsa virtude dos homens e feitos bárbaros em nome da honra.



Capítulo I

O pai, Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, fidalgo de uma das mais antigas casas de Vila Real de Trás-os-Montes, era, em 1779, juiz de fora de Cascais, e nesse mesmo ano casara com uma dama do paço, D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, filha de um capitão de cavalos, neta de outro, Antônio de Azevedo Castelo Branco Pereira da Silva, tão notável pela sua hierarquia como por um livro — naquele tempo famoso — que escrevera acerca da arte da guerra.

Dez anos de um amor não correspondido mantiveram em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer a formosa dama de D. Maria I amá-lo, faltavam-lhe dotes físicos: Domingos Botelho era extremamente feio. Para se firmar como bom pretendente, faltavam-lhe bens: o que possuía não excediam os trinta mil cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espírito também não o recomendavam: era fraco de inteligência, o que lhe rendeu por parte de seus colegas da universidade o apelido de Brocas, pelo qual ainda hoje seus descendentes em Vila Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o apelido Brocas vem de “broa”. Entenderam os acadêmicos que a rudeza do seu companheiro de estudos procedia do muito pão de milho que ele ingerira na infância.

Mas Domingos Botelho devia ter uma vocação qualquer, e tinha: era um excelente flautista; e foi tocando a flauta que se sustentou por dois anos em Coimbra, durante os quais seu pai suspendeu as mesadas, porque os rendimentos da casa não bastaram para livrar outro filho de um crime de assassinato.*

Domingos Botelho formara-se em 1767, e fora a Lisboa admitido no Tribunal do Desembargo do Paço — iniciação banal dos que aspiravam à carreira da magistratura. Já Fernão Botelho, pai do bacharel, fora bem aceito em Lisboa, principalmente pelo duque de Aveiro, cuja estima pôs sua cabeça em risco, na tentativa de golpe contra o próprio pai em 1758.

O provinciano saiu das masmorras da Junqueira livre da infame mácula, e até ficou bem-visto pelo conde de Oeiras, porque tomara parte na prova que ele fizera da supremacia da sua genealogia contra a dos Pintos Coelho do Bonjardim do Porto — disputa ridícula, mas estrondosa, movida pela recusa do fidalgo portuense a dar sua filha ao filho do Marquês de Pombal.

O que o bacharel flautista fez para ganhar a estima de D. Maria I e Pedro III não sei. Diz a tradição que o homem fazia rir a rainha com suas graças, e porventura com os trejeitos que revelavam o melhor da sua personalidade. O certo é que Domingos Botelho passou a frequentar o paço e a receber do bolsinho da soberana uma farta pensão, com a qual o aspirante a juiz de fora se esqueceu de si, do futuro e do ministro da justiça, que, muito rogado, o tornou juiz de fora de Cascais.

* Há vinte anos, ouvi a história desse assassinato, assim contada. Era Quinta-feira Santa. Marcos Botelho, irmão de Domingos, estava na festa de Endoenças, em São Francisco, acompanhado por uma dama, namorada sua, mas um tanto desleal. Noutro ponto da igreja estava um alferes de infantaria, com os olhos e o coração na mesma mulher. Marcos enfrentou seu ciúme até o final da missa. À saída do templo, encarou o militar e provocou-o. O alferes tirou a espada, e o fidalgo, o espadim. Trocaram golpes durante um longo tempo sem feridas nem sangue. Amigos de ambos os lados tinham conseguido aplacá-los quando Luís Botelho, outro irmão de Marcos, atirou com uma carabina no peito do alferes, e ali, à entrada da rua do Jogo da Bola, matou-o. O homicida acabou por ficar livre por intercessão do soberano

Já foi dito que ele se atreveu aos amores do paço, não fazendo poesias como Luís de Camões ou Bernardim Ribeiro, mas namorando na sua prosa provinciana e captando a benevolência da rainha para amolecer as durezas de sua dama de companhia, sua pretendente. Devia de ser feliz o Dr. Bexiga — como era conhecido na corte —, para que a discórdia que existe entre o talento e a felicidade não se desconcertasse. Domingos Botelho casou com D. Rita Preciosa. Rita era uma formosura, que ainda aos cinquenta anos podia se gabar disso. E não tinha outro dote, pois seu dote era uma série de antepassados, uns bispos, outros generais, incluindo aquele que morrera queimado dentro de um caldeirão à mão dos mouros — evento tratado com glória, na verdade, um pouco ardente, mas de tal modo lembrada que seus descendentes passaram a chamar-se Caldeirões.

A dama do paço foi feliz com o marido. Tinha, no entanto, saudades da corte, das pompas das câmaras reais, dos luxos e dos hábitos que tinha sacrificado. Este desgostoso viver, porém, não impediu que se reproduzissem, tendo dois meninos e três meninas. O mais velho era Manuel, o segundo, Simão; das meninas, uma era Maria, a segunda Ana, e a última tinha o nome da mãe, e alguns traços da beleza dela.

O juiz de fora de Cascais morava em Lisboa, na freguesia da Ajuda, em 1784, mas desejava mudar-se para um lugar mais importante. Neste ano, nasceu Simão, o penúltimo dos seus filhos. Sempre gracejado pela sorte, o juiz conseguiu então transferência para Vila Real, sua ambição suprema.

À distância de uma légua de Vila Real estava toda a nobreza da vila à espera do seu conterrâneo. Cada família tinha sua liteira, meio de transporte comum guiado por cavalos, com o brasão da respectiva casa. A dos Correia de Mesquita era do modelo mais antiquado; e as vestes dos criados, as mais usadas e desgastadas que figuravam na comitiva.

D. Rita, avistando a fila das liteiras, ajustou ao olho direito a sua grande luneta de ouro, e disse:

— Ó Meneses, o que é aquilo?

— São os nossos amigos e parentes que nos vêm esperar.

— Em que século estamos nós nesta montanha? — disse a dama do paço.

— Em que século? O século tanto é dezoito aqui como em Lisboa.

— Ah! Sim? Julgo que o tempo aqui parou no século doze...

Por alguma razão, o marido achou que devia rir do gracejo, apesar de aquilo não o lisonjear grandemente.

Fernão Botelho, pai do juiz de fora, pôs-se à frente da procissão para dar a mão à nora, que saía da liteira, e a conduzir até a casa. D. Rita, antes de ver a cara do sogro, contemplou suas fivelas de aço e os metais da sela com olho armado. Disse ela depois que os fidalgos de Vila Real andavam mais imundos que os carvoeiros de Lisboa. Antes de entrar na antiga liteira do sogro, perguntou, com a mais falsa seriedade, se não haveria risco em ir dentro daquela antiguidade. Fernão Botelho assegurou à nora de que a liteira não tinha ainda cem anos, e que os cavalos não excediam os trinta.

O modo altivo com que ela recebeu as cortesias da nobreza — a velha nobreza que fora para lá nos tempos do rei D. Dinis, fundador da vila — fez com que o mais novo daquele grupo de empregados, que só tinha doze anos, me contasse depois: “Sabíamos que aquela mulher foi dama de companhia de D. Maria I; porém, com a soberba com que nos tratou, seria de imaginar que estávamos diante da própria rainha”.

Tocaram os sinos da terra, quando a comitiva passou pela igreja da Senhora de Almodena. D. Rita disse ao marido que o som dos sinos era o mais estrondoso e barato que já tinha ouvido.

Pararam à porta da velha casa de Fernão Botelho. D. Rita passou os olhos pela fachada do edifício e disse para si mesma: “Que bonito chiqueiro para quem foi criada nos palácios de Mafra e Sintra, da Bemposta e de Queluz”.

Decorridos alguns dias, D. Rita disse ao marido que tinha medo de vir a ser devorada por ratazanas; que aquela casa era um covil de feras; que o teto estava prestes a desabar; que as paredes não resistiriam ao inverno; que o quarto e a cama do casal obrigavam a morrer de frio uma esposa delicada e afeita às almofadas do palácio dos reis.

Domingos Botelho conformou-se com a estremecida companheira e mandou construir um palacete. Escassamente lhe chegavam os recursos para os alicerces, mas escreveu à rainha e obteve um generoso subsídio com que acabou de construir a casa. As varandas foram a última dádiva que a viúva real fez à sua dama de companhia. A dádiva talvez seja um testemunho, até agora inédito, da demência da Senhora D. Maria I.

Domingos Botelho mandara esculpir em Lisboa brasão de armas numa rocha; D. Rita, porém, teimara que no escudo estivessem também as de sua família, mas era tarde, porque a obra já tinha vindo do escultor, e o magistrado não podia com a segunda despesa, nem queria desgostar o pai, orgulhoso do seu brasão. A casa, então, acabou ficando sem um brasão de armas, e D. Rita saiu vitoriosa.*

O juiz de fora tinha ali parentes ilustres. O aprumo da fidalga dobrou-se ante as grandes personalidades da província, ou talvez eles tenham sido levantados até ela. D. Rita tinha uma corte de primos, uns que se contentavam em ser primos, outros que invejavam a sorte do seu marido. O mais audacioso não ousava olhar o rosto dela, quando o mirava com a luneta com tanta altivez e zombaria que não seria incorreto dizer que a luneta de Rita Preciosa era a mais vigilante sentinela da sua virtude.

Domingos Botelho desconfiava da eficácia dos merecimentos próprios para cabalmente encher o coração da sua mulher. Inquietava-o o ciúme; mas sufocava os suspiros, receando que Rita ficasse injuriada com a suspeita. E estaria certa de se ofender. A neta do general frito no caldeirão ria dos primos, que, por amor a ela, se eriçavam e empoavam a cabeleira com esmero pouco gracioso, e cavaleavam ruidosamente na calçada em seu cavalo, fingindo que os treinadores de animais da província não desconheciam as graças hípicas do marquês de Marialva.

Não pensava assim, porém, o juiz de fora. E o causador da intriga era o espelho. Via-se sinceramente feio, e via a Rita cada vez mais bela, e mais enfadada na intimidade. Não encontrava na história antiga nenhum exemplo de amor duradouro entre um esposo disforme e uma esposa linda. Um só lhe mortificava a memória, e, embora fosse uma fábula, não lhe agradava: o casamento de Vênus e Vulcano. Lembravam-lhe as redes que o ferreiro coxo fabricava para apanhar os deuses adúlteros, e assombrava-se da paciência daquele marido. Para si mesmo, dizia ele que, erguido o véu da traição, nem se queixaria a Júpiter, nem armaria ratoeiras aos primos. Além do bacamarte de Luís Botelho, que deixara em vida o alferes, estava uma fileira de armas sobre as quais demonstrava inteligência muito superior à que revelava na compreensão dos códigos e da legislação do Reino.

* Nota do autor: A referida casa depois passou a ser conhecida como o palacete da rua da Piedade, pertencendo ao dr. Antônio Gerardo Monteiro.

Este viver de sobressaltos durou seis anos, talvez mais. O juiz de fora suplicou a seus amigos a transferência, e conseguiu mais do que ambicionava: foi nomeado provedor da cidade de Lamego. Rita Preciosa deixou saudades em Vila Real, e duradoura memória da sua soberba, formosura e graça de espírito. O marido também deixou anedotas que ainda hoje se repetem. Contarei somente duas para não enfadar. Acontecera de um lavrador mandar-lhe de presente uma bezerra bem jovem, e para que o filhote fosse sem luta, mandou acompanhando também a vaca, mãe do animal. Assim que viu as duas, Domingos Botelho mandou recolher a bezerra e a vaca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe, e com essa o lavrador nunca mais viu sua vaca. Noutra ocasião, mandaram-lhe de presente uns pastéis numa rica travessa de prata. O juiz de fora repartiu os pastéis entre alguns rapazes de rua, e mandou guardar a travessa, tomando-a como o presente e os doces, como ornamentos. É por isso que ainda hoje, em Vila Real, quando acontece um caso semelhante de alguém ficar tanto com o conteúdo e o continente, diz a gente da terra: “Aquele é como o doutor Brocas”.

Não tenho outras informações em detalhes da vida do provedor na cidade de Lamego. Escassamente sei que D. Rita aborrecia a comarca e ameaçava o marido de voltar com os seus cinco filhos para Lisboa, se ele não saísse daquela intratável terra. Parece que a fidalguia de Lamego, em todo o tempo orgulhosa da sua própria origem e antiguidade, desdenhou a postura presunçosa da dama do paço, e foi descobrir certas histórias vergonhosas da família dos Botelho Correia de Mesquita, como o fato de o provedor ter vivido dois anos em Coimbra a tocar flauta.

Em 1801, Domingos José Correia Botelho de Mesquita tornou-se corregedor em Viseu.

Manuel, o mais velho dos seus filhos, aos vinte e dois anos, frequenta o segundo ano jurídico. Simão, com quinze, estuda humanidades em Coimbra. As três meninas são o prazer e a vida do coração da sua mãe.

O filho mais velho escreveu ao pai queixando-se de não poder continuar a viver com o seu irmão, com medo do seu gênio sanguíneo. Conta que a cada passo que dá se vê ameaçado de vida, porque Simão gasta em pistolas o dinheiro que devia ser para os livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite pelas ruas a insultar os habitantes, provocando-os à luta. O corregedor admira a bravura do filho Simão, e diz à consternada mãe que o rapaz é a figura e o gênio do seu bisavô Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que alguma vez houve em Trás-os-Montes.

Manuel, cada vez mais envergonhado com os violentos atos de Simão, sai de Coimbra antes das férias e vai a Viseu pedir ao pai que lhe dê outro destino. D. Rita quer que o filho seja cadete de cavalaria. De Viseu, parte então Manuel Botelho para Bragança, entrando para a nobre escola dos quatro costados para ser cadete.

No entanto, Simão volta a Viseu com os exames feitos e aprovados. O pai maravilha-se do talento do filho, e desculpa-o da extravagância por amor do talento. Pede-lhe explicações pela zanga com Manuel, e ele responde apenas que o irmão o queria forçar a viver monasticamente.

Aos quinze anos, Simão tem aparência de vinte. É forte de compleição; belo homem com as feições da mãe; mas com gênio difícil. Entre os simples de Viseu é que ele escolhe os amigos e companheiros. Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, principalmente com o general Caldeirão, que morreu frito. Bastou isso para ele ganhar o desgosto e a aversão da mãe. O corregedor via as coisas pelos olhos da mulher, e tomou parte no desgosto dela, e na aversão ao filho. As irmãs temiam-no, menos Rita, a mais nova, com quem ele brincava de forma inocente, e a quem obedecia, se ela lhe pedia, com meiguices de criança, que não andasse com más companhias.

Estavam a terminar as férias quando o corregedor teve um grande dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar os cavalos a beber, e, por descuido ou de propósito, deixou quebrar alguns cântaros, vasilhas de água que estavam no parapeito do chafariz. Os donos das vasilhas partidas conjuraram contra o criado e espancaram-no. Simão, que passava por ali nessa altura, armado de um pau que descravou de um carro, partiu muitas cabeças, e rematou o trágico espetáculo quebrando o resto dos cântaros que restavam. Os que estavam presentes e intactos fugiram apavorados e ninguém se atreveu a enfrentar o filho do corregedor; os feridos, porém, juntaram-se e foram clamar justiça à porta do magistrado.

Domingos Botelho zangou-se com o filho e ordenou ao oficial de justiça que o prendesse por sua ordem. D. Rita, não menos irritada, mas mais irritada como uma mãe que protege as crias, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que ele, sem se deter, fugisse para Coimbra, e esperasse lá o perdão do pai.

O corregedor, quando soube da ação da esposa, fingiu-se zangado, e prometeu mandar capturá-lo em Coimbra. Como, porém, D. Rita lhe chamasse “brutal nas suas vinganças” e “estúpido juiz de uma rapaziada”, o magistrado desfez o ar severo da testa, e confessou tacitamente que era um juiz bruto e estúpido.

Capítulo II

Simão Botelho levou de Viseu para Coimbra arrogantes convicções da sua valentia. Recordava-se dos valentes pormenores da derrota que impusera a trinta mercenários, o som oco das pancadas, a queda atordoada deste, o levantar-se daquele, ensanguentado, a paulada que deu a três de uma vez, o esmurrar de dois, a gritaria de todos, e o partir dos cântaros no fim... Simão deliciava-se nessas lembranças, como ainda não se viu em nenhum drama, em que o veterano de cem batalhas relembra os louros de cada uma, e esmorece no fim, cansado de espantar, quando não estafar, os ouvintes.

O acadêmico, porém, com os seus entusiasmos, era incomparavelmente muito mais prejudicial e perigoso que qualquer valentão das histórias. As recordações incentivavam-no a façanhas novas, e naquele tempo a academia dava oportunidade a elas. A mocidade estudiosa, em grande parte, simpatizava com as balbuciantes teorias da liberdade, mais por sentimento que por estudo. Os apóstolos da Revolução Francesa não conseguiram fazer rebombar o trovão dos seus clamores neste canto da Europa; mas os livros dos enciclopedistas, as fontes onde a geração seguinte bebera o veneno que saiu do sangue de 1793, não eram de todo ignorados. As doutrinas da regeneração social pela guilhotina tinham alguns tímidos seguidores em Portugal, e esses é que deviam pertencer à geração nova. Além de que o rancor à Inglaterra crescia nas entranhas das classes trabalhadoras, e o desprender-se do cordão humilhante, apertado, desde o princípio do século anterior, com os acordos ruins e tratados desiguais, estava no ânimo de muitos e bons portugueses que preferiam, antes, uma aliança com a França. Estes eram os pensadores reflexivos; os seguidores da academia, porém, exprimiam mais a paixão da novidade que as doutrinas do raciocínio.

No ano anterior de 1800, saíra Antônio de Araújo de Azevedo, depois conde da Barca, a negociar em Madri e Paris a neutralidade de Portugal. Rejeitaram-lhe as potências aliadas as propostas, de nada servindo os dezesseis milhões que o diplomata ofereceu ao primeiro-cônsul. Em pouquíssimo tempo, o território português foi infestado pelos exércitos de Espanha e França.

As nossas tropas, comandadas pelo duque de Lafões, não chegaram sequer a travar uma luta desigual, porque a esse tempo Luís Pinto de Sousa, mais tarde visconde de Balsemão, negociara uma vergonhosa paz em Badajoz, com a cessão de Olivença à Espanha, a retirada dos ingleses dos nossos portos, e a indenização de alguns milhões à França.

Esses acontecimentos tinham provocado a alguns o ódio à Napoleão, e a outros isso os fez congratularem-se pelo rompimento com a Inglaterra. Entre os deste grupo, na convulsiva e irrequieta academia, era voto de grande convicção de Simão Botelho, apesar dos seus imberbes dezesseis anos. Mirabeau, Danton, Robespierre, Desmoulins, e muitos outros sábios e mártires de grande porte, eram nomes que soavam como música aos ouvidos de Simão. Difamá-los na sua presença era afrontá-lo, e motivo para bofetadas ou pistolas engatilhadas à cara do difamador. O filho do corregedor de Viseu defendia que Portugal devia regenerar-se num batismo de sangue, para que a hidra dos tiranos não erguesse mais uma das mil cabeças sob a clava do Hércules popular.

Esses discursos, retirados de alguns textos clandestinos do revolucionário francês Saint-Just, afugentavam da sua companhia mesmo aqueles que o tinham aplaudido nos mais racionais princípios de liberdade. Simão Botelho tornou-se odioso aos companheiros de estudo, que, para se salvarem da infâmia, delataram-no ao bispo-conde, reitor da universidade.

Um dia, proclamava o demagogo acadêmico na praça Sansão aos poucos ouvintes que lhe permaneciam fiéis, uns por medo, outros por gosto. O discurso ia no ponto mais fervoroso da ideia regicida, quando uma escolta de guardas de Coimbra lhe apagou a incandescência. Quis o orador resistir, agarrando as pistolas, mas caíram-lhe em cima os muitos braços musculosos da guarda do reitor. O jacobino, desarmado e cercado pela escolta dos guardas, foi levado ao cárcere acadêmico, de onde saiu seis meses depois, pelas grandes instâncias dos amigos do seu pai e dos parentes de D. Rita Preciosa.

Perdido o ano letivo, Simão foi para Viseu. O corregedor repeliu-o da sua presença com ameaças de expulsá-lo de casa. A mãe, mais levada pelo dever que pelo coração, intercedeu pelo filho e conseguiu sentá-lo à mesa comum.

No espaço de três meses, notou-se uma maravilhosa mudança nos costumes de Simão. Desprezou as companhias da ralé e raras vezes saía de casa, ou só, ou com a irmã mais nova, a sua predileta. O campo, as árvores, os sítios mais sombrios e os ermos eram o seu recreio. Nas doces noites de verão, demorava-se a passear até o amanhecer. Aqueles que assim o viam admiravam seu ar pensador e o recolhimento que o sequestrava da vida vulgar. Em casa, encerrava-se no seu quarto, e saía quando o chamavam para a mesa.

D. Rita pasmava da transformação, e o marido, bem convencido dela, ao fim de cinco meses, consentiu que o filho lhe dirigisse a palavra.

Simão Botelho estava... apaixonado. Aí está uma palavra única, explicando a aparentemente absurda reforma aos dezessete anos.

Simão desenvolvera uma paixão pela vizinha, menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita e bem-nascida. Da janela do seu quarto é que ele a vira a primeira vez, para amá-la para sempre. Não ficara ela ileso da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos.

Os poetas cansam-nos a paciência a falarem do amor da mulher aos quinze anos como paixão perigosa, única e inflexível. Alguns prosadores de romances dizem o mesmo. Enganam-se ambos. O amor aos quinze anos é uma brincadeira: é a última manifestação do amor às bonecas; é a tentativa da avezinha que ensaia o voo fora do ninho, sempre com os olhos fitos na ave-mãe,

que está por perto a chamar por ela: tanto sabe a primeira o que é amar muito, como a segunda o que é voar para longe.

Teresa de Albuquerque devia ser, porventura, uma exceção no seu amor.

O magistrado e a sua família eram odiados pelo pai de Teresa, por motivos de processos judiciais, em que Domingos Botelho proclamou sentenças contra eles. Para além disso, ainda no ano anterior, dois criados de Tadeu de Albuquerque tinham sido feridos na celebrada pancadaria da fonte. É, pois, evidente que o amor de Teresa, abdicando do dever de humildemente sacrificar-se ao justo rancor do pai, era verdadeiro e forte.

E esse amor era singularmente discreto e cauteloso. Viram-se e falaram-se durante três meses, sem fazer desconfiar a vizinhança, nem sequer dar suspeitas às duas famílias. O destino, que ambos se prometiam, era o mais honesto: ele ia formar-se para poder sustentá-la, se não tivessem outros recursos; ela esperava que o velho pai falecesse para, senhora de si, dar-lhe, com o coração, o seu grande patrimônio.

Espanta discrição tamanha na índole de Simão Botelho, e na presumível ignorância de Teresa sobre as coisas materiais da vida, como os patrimônios!

Na véspera da sua nova ida para Coimbra, estava Simão Botelho despedindo-se da suspirosa menina quando ela foi subitamente arrancada da janela. O alucinado rapaz ouviu gemidos daquela voz que, momentos antes, soluçava comovida por lágrimas de saudade. O sangue na cabeça ferveu; ele contorceu-se no seu quarto como o tigre contra as grades inflexíveis da jaula. Teve tentações de se matar, na impotência de socorrê-la. Passou as restantes horas daquela noite em raivas e projetos de vingança. Com o amanhecer seu sangue esfriou, e renasceu a esperança com os cálculos.

Quando o chamaram para partir para Coimbra, ergueu-se da cama de tal modo desfigurado que a sua mãe, olhando para o seu rosto amargurado, foi ao quarto interrogá-lo e dissuadi-lo de ir enquanto estivesse febril. Simão, porém, entre mil projetos, achara melhor o de ir para Coimbra, esperar lá notícias de Teresa, e vir às escondidas a Viseu falar com ela. Ajuizadamente concluíra ele que a sua demora agravaria a situação de Teresa.

Descera o acadêmico ao pátio, depois de abraçar a mãe e as irmãs, e beijar a mão do pai, que para esta hora reservara uma reprimenda severa, a ponto de lhe garantir que de todo o abandonaria se ele caísse em novas extravagâncias. Enquanto metia o pé no estribo, viu ao seu lado uma velha mendiga, estendendo-lhe a mão aberta, como quem pede esmola, com um pequeno papel na palma da mão. O rapaz sobressaltou-se; a poucos passos distante da sua casa, leu estas linhas:

O meu pai diz que vai me encerrar num convento por tua causa. Sofrerei tudo por amor a ti. Não me esqueças, e vais me achar no convento, ou no Céu, sempre tua e sempre leal. Parte para Coimbra. Para lá irão minhas cartas e na primeira te direi em que nome hás de responder à tua pobre Teresa.

A mudança do estudante maravilhou a academia. Se não o viam nas aulas, não o viam em parte nenhuma. Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos companheiros sensatos que o aconselhavam para bem, e tinham-no visitado no cárcere de seis meses, dando-lhe alentos e recursos, que o pai não lhe dava e a mãe escassamente fornecia. Estudava com fervor, como quem já dali formava as bases do futuro de renome e da posição por ele merecida o bastante para sustentar dignamente a esposa. A ninguém confiava o seu segredo, senão às cartas que enviava a Teresa, longas cartas em que folgava o espírito da tarefa da ciência. A apaixonada

menina respondeu-lhe e disse-lhe que a ameaça do convento fora um mero susto de que já não tinha medo, porque o pai não podia viver sem ela.

Isso animou-o a se dedicar mais ao estudo. Simão, chamado em pontos difíceis das matérias do primeiro ano, tal conta deu de si, que os docentes e os colegas o elegeram como primeiro premiado.

A este tempo, Manuel Botelho, cadete em Bragança, destacado no Porto, licenciou-se para estudar na universidade as matemáticas. Animou-o a notícia da reviravolta que se dera no irmão. Foi viver com ele; achou-o quieto; mas absorto numa ideia que o tornava um ermitão intratável. Pouco tempo conviveram, sendo a causa da separação um desgraçado amor de Manuel Botelho por uma açoriana casada com um acadêmico. A esposa apaixonada perdeu-se nas ilusões do cego amante. Deixou o marido e fugiu com ele para Lisboa, e daí para a Espanha. Numa outra parte desta narrativa, darei conta do remate desse episódio.

No mês de fevereiro de 1803, recebeu Simão Botelho uma carta de Teresa. E descreverei minuciosamente a peripécia que forçara a filha de Tadeu de Albuquerque a escrever aquela carta de dolorosa surpresa para o acadêmico, convertido aos deveres, à honra, à sociedade e a Deus pelo amor.

Capítulo III

O pai de Teresa não aceitaria a impureza do sangue do corregedor e não concordaria com o casamento dos dois jovens. O magistrado persistia no rancor ao seu vizinho, e o vizinho atacava a reputação do magistrado, dizendo que aceitava vantagens indevidas ao cargo. Ele sabia da injuriosa vingança em que o outro lhe ia desafrontando; fingia-se invulnerável ao menosprezo; mas a cada dia sua bília azedava; e é de crer que, se o não contivessem as considerações à família, sofreria menos, desabafando pela boca de um bacamarte, a arma preferida dos Botelho Correia de Mesquita. Seria impossível reconciliarem-se.

Rita, a filha mais nova, estava um dia na janela do quarto de Simão e viu a vizinha à janela com as mãos apoiadas na testa. Sabia Teresa que aquela menina era a mais querida irmã de Simão, e a que mais se parecia com ele. Saiu da sua artificial indiferença e respondeu ao cumprimento de Rita, sorrindo e fazendo-lhe com a mão um gesto. A filha do corregedor sorriu também, mas fugiu logo da janela, porque a mãe tinha proibido as filhas de terem relações com pessoas daquela casa.

No dia seguinte, à mesma hora, levada pela simpatia que lhe causara aquele gesto de amizade, voltou Rita à janela, e lá viu Teresa com os olhos fitos nos seus, como se estivesse à sua espera. Sorriram-se com resguardo, afastando-se do peitoril das janelas; e assim ambas de pé, no interior dos quartos, estiveram a contemplar-se. Como a rua era estreita, podiam ouvir-se, falando baixo. Teresa, mais pelo movimento dos lábios que por palavras, perguntou a Rita se era sua amiga. A menina respondeu com um gesto afirmativo e fugiu, acenando-lhe um adeus. Esses rápidos instantes de se verem repetiram-se sucessivos dias, até que, perdido o maior medo de ambas, ousaram demorar-se em palestras a meia-voz. Teresa falava de Simão, contava à menina de onze anos o segredo do seu amor e dizia-lhe que ela ainda haveria de ser sua irmã, recomendando-lhe muito que não dissesse nada à sua família.

Numa dessas conversas, Rita descuidou-se e levantou de tal modo a voz que foi ouvida por uma sua irmã, que foi logo contar ao pai. O corregedor chamou Rita e forçou-a pelo medo a contar

tudo o que ouvira da vizinha. Tanta foi a sua cólera que sem atender às razões da esposa, que viera espavorida ao ouvir os gritos dele, correu ao quarto de Simão e viu ainda Teresa à janela.

— Olá! — disse ele à pálida menina. — Não tenha a confiança de pôr os olhos em ninguém da minha casa. Se quer casar, case com um sapateiro, que é um digno genro de seu pai.

Teresa não ouviu o remate do brutal discurso: tinha fugido aturdida e envergonhada. Porém, como o rude corregedor ficou a gritar no quarto, Tadeu de Albuquerque correu para uma janela e a cólera do doutor redobrou. A torrente das injúrias, há muito tempo represada, bateu no rosto do vizinho, que não ousou replicar.

Tadeu interrogou a filha, e acreditou que a razão da zanga de Domingos Botelho foi de estarem as duas meninas a falar inocentemente, por trejeitos, em coisas da sua idade. Desculpou o velho a criancice de Teresa, ordenando-lhe que não voltasse àquela janela.

Essa atitude calma do fidalgo, cuja postura natural era bravia, tem a sua explicação no projeto que delineara: casar a filha com seu primo Baltasar Coutinho de Castro D'aire, senhor de fortuna e nobre da mesma linhagem. Pensava o velho, presunçoso, ser um conhecedor do coração das mulheres. Pensava ele que a brandura seria o mais seguro expediente para levar a filha ao esquecimento daquele pueril amor a Simão. Era uma máxima sua que o amor, aos quinze anos, carece de consistência para sobreviver a uma ausência de seis meses. Não pensava errado o fidalgo, mas o erro existia. As exceções têm sido o engano dos mais ajuizados pensadores, tanto no especulativo como no experimental. Não era tanto que Tadeu de Albuquerque estivesse errado em coisas de amor e coração de mulher, cujas variantes são tantas e tão caprichosas, que eu não sei se alguma máxima pode ser-nos guia, a não ser esta: “Em cada mulher há quatro mulheres incompreensíveis, pensando alternadamente como hão de desmentir umas às outras”. Isso é o mais seguro; mas mesmo assim não é infalível. Aí está Teresa que parece ser única em si. Seria possível dizer que aos quinze anos as quatro não podem coexistir? Penso assim, posto que a fixidez, a constância daquele amor, está fundada em causa independente do coração: Teresa não vai à sociedade, não tem um altar a cada noite na sala, não provou o incenso de outros galãs, nem teve ainda uma hora para comparar a imagem amada, embaçada pela ausência, com a imagem amante, amor nos olhos que a fitam, e amor nas palavras que a convencem de que há um coração para cada homem, e uma só juventude para cada mulher. Quem me diz que Teresa teria em si as quatro mulheres da máxima se o vapor de quatro incensórios lhe estonteasse o espírito? Não é fácil nem é preciso decidir. Vamos ao conto.

Acerca de Simão Botelho, Tadeu de Albuquerque nunca proferiu uma palavra diante da sua filha, nem antes nem depois do disparate do corregedor. O que ele fez foi chamar a Viseu, o sobrinho de Castro D'aire e contar-lhe o seu desígnio, para que ele, ao pé de Teresa, procedesse como convinha a um enamorado de feição, e mutuamente se apaixonassem e prometessem um auspicioso futuro ao casamento.

Por parte de Baltasar Coutinho, a paixão inflamou-se tão depressa quanto o coração de Teresa se congelou de terror e repugnância. O primogênito de Castro D'aire atribuiu a frieza da sua prima à modéstia, à inocência e ao acanhamento. Lisonjeou-se do virginal recato daquela alma, e saboreou de antemão o prazer de uma lenta, mas segura, conquista. Verdade é que Baltasar nunca lhe expôs as suas intenções de modo que Teresa lhe desse resposta decisiva; um dia, porém, instigado pelo tio, afoitou-se o afortunado noivo a falar assim à melancólica menina:

— É tempo de lhe abrir o meu coração, prima. Está bem-disposta a ouvir-me?

— Eu estou sempre bem-disposta a ouvi-lo, primo Baltasar.

O desdém aborrecido dessa resposta abalou por algum tempo as convicções do fidalgo a respeito da inocência, da modéstia e do acanhamento da prima. Ainda assim, quis ele no momento persuadir-se de que a boa vontade não poderia exprimir-se doutro modo, e continuou:

— Os nossos corações, penso eu, estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam também.

Teresa empalideceu, e baixou os olhos.

— Acaso lhe disse eu alguma coisa desagradável? — prosseguiu Baltasar, rebatido pela desfiguração de Teresa.

— Disse-me o que é impossível fazer-se — respondeu ela sem perturbação. — O primo engana-se: os nossos corações não estão unidos. Sou muito sua amiga, mas nunca pensei em ser a sua esposa, nem me pareceu que o primo pensasse em tal coisa.

— Quer dizer que a aborreço, prima Teresa? — atalhou, depressa, o primogênito.

— Não, senhor: já lhe disse que o estimo muito, e por isso mesmo não devo ser esposa de um amigo a quem não posso amar. A infelicidade não seria só minha...

— Muito bem. Posso eu saber — disse com refalsado sorriso o primo — quem é que disputa comigo o coração da minha prima?

— Que lucra em saber?

— Lucro em saber, pelo menos, que a minha prima ama outro homem. É exato?

— É.

— É com tamanha paixão que desobedece ao pai?

— Não desobedeço: o coração é mais forte que a submissa vontade de uma filha. Desobedeceria se casasse contra a vontade do meu pai; mas eu não disse ao primo Baltasar que casava; disse-lhe unicamente que amava.

— Saiba a prima que estou espantado com o seu modo de falar! Quem pensaria que os seus dezesseis anos estavam tão abundantes de palavras!

— Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade —, são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros. Se eu lhe mentisse, ficaria mais bem-vista aos olhos do meu primo?

— Não, prima Teresa; fez bem em dizer a verdade, e em tudo. Não quer me dizer quem é o afortunado mortal da sua preferência?

— Que importância tem saber isso?

— Muita, prima; todos temos a nossa vaidade, e eu gostaria muito de me ver vencido por quem tem merecimentos que eu não tenho aos seus olhos. Teria a bondade de me dizer o seu segredo, se tivesse o seu primo Baltasar em conta como seu amigo íntimo?

— Nessa conta é que eu não o posso ter... — respondeu Teresa, sorrindo e pausando, como ele, a cada sílaba.

— Pois nem para amigo me quer?

— O primo não há de perdoar minha sinceridade, e será de hoje em diante meu inimigo.

— Pelo contrário — disse ele com mal disfarçada ironia —, muito pelo contrário. Hei de provar que sou seu amigo se algum dia a vir casada com algum miserável indigno de minha prima.

— Casada... — interrompeu ela. Baltasar cortou-lhe logo a réplica desde modo:

— Casada com algum famoso bêbado ou jogador de pau, valentão de aguadeiros, distinto cavaleiro, que passa os anos letivos encarcerado nas cadeias de Coimbra.

Claro que Baltasar Coutinho conhecia o segredo de Teresa. O seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da prima, talvez antes de destiná-la a ele.

Teresa ouviu o tom sarcástico daquelas palavras, e ergueu-se respondendo com altivez:

— Tem algo mais a dizer, primo Baltasar?

— Tenho, prima; queira sentar-se algum tempo mais. Não pense agora que está a falar com o namorado infeliz: convença-se de que fala com o seu parente mais próximo, o seu mais sincero amigo e mais decidido guarda da sua dignidade e fortuna. Eu sabia que a minha prima, contra a expressa vontade do pai, uma ou outra vez conversara da janela com o filho do corregedor. Não dei valor ao sucedido, e tomei-o como brincadeira própria da sua idade. Quando frequentei o meu último ano em Coimbra, há dois anos, conheci de sobra esse Simão Botelho. Quando voltei, e contaram-me a sua afeição pelo académico, pasmei-me pelo mau juízo da priminha; depois entendi que a sua mesma inocência devia ser o seu anjo da guarda. Agora, como seu amigo, espanta-me vê-la ainda fascinada pela perversidade do seu vizinho. Não se recorda de ter visto Simão Botelho amigado com a ínfima vilanagem desta terra? Não viu os seus criados com as cabeças quebradas pelo tal varredor de feiras? Não lhe contaram que ele, em Coimbra, abarrotado de vinho, andava pelas ruas armado como um salteador de estradas, proclamando à escória a guerra aos nobres e aos reis, e à religião dos nossos pais? A prima ignoraria isso porventura?

— Ignorava parte disso, e não me aflige sabê-lo. Desde que conheci Simão, não me consta que ele tenha dado o menor desgosto à família, nem ouço falar mal dele.

— E está por isso persuadida de que Simão deve ao seu amor a reforma de costumes?

— Não sei, nem penso nisso — respondeu com enfado Teresa.

— Não se zangue, prima. Vou-lhe dizer as minhas últimas palavras: enquanto viver, eu hei de trabalhar por salvá-la das garras de Simão Botelho. Se o seu pai lhe faltar, fico eu. Se as leis não a defenderem dos ataques do seu demônio, eu farei o valentão ver que a vitória dos aguadeiros não o poupa ao desgosto de ser levado a pontapés para fora da casa do meu tio Tadeu de Albuquerque.

— Então o primo quer me governar!? — atalhou ela com grave irritação.

— Quero-a dirigir enquanto a sua razão precisar de auxílio. Tenha juízo, e eu serei indiferente ao seu destino. Não a enfado mais, prima Teresa.

Baltasar Coutinho foi dali procurar o tio, e contou-lhe o essencial do diálogo. Tadeu, atônito com a coragem da filha e ferido no coração e nos direitos paternais, correu ao quarto dela, disposto a espancá-la. Reteve-o Baltasar, vendo que a violência prejudicaria muito a crise, sendo de esperar que Teresa fugisse de casa. Refreou o pai a sua ira, e meditou. Horas depois chamou a filha, mandou-a sentar ao pé de si e, em termos serenos e gesto bem-composto, disse-lhe que era a sua vontade casá-la com o primo; porém, que ele já sabia que a vontade da filha não era essa. Jurou que não bateria nela, mas também não consentiria que Teresa, esfregando os pés na honra do pai, se desse de coração ao filho do seu maior inimigo. Disse ainda que ele estava caminhando para a sepultura, e que mais depressa desceria a ela, perdendo o amor da filha, que ele considerava morta. Terminou perguntando a Teresa se ela não admitiria entrar num convento, e aí esperar que o pai morresse, para depois ser desgraçada à sua vontade.

Teresa respondeu, a chorar, que entraria num convento, se essa era a vontade do pai; porém, que não se privasse da companhia dela, nem a privasse dos seus afetos, com medo de que praticasse alguma ação indigna, ou lhe desobedecesse no que era virtude obedecer.

Prometeu-lhe julgar-se morta para todos os homens, menos para o pai.

Tadeu ouviu-a, e não lhe respondeu.